

A ICONICIDADE PRESENTE NA ORONÍMIA SUL-MARANHENSE: INTERFACE ECOLINGUÍSTICA

Geane Martins Mendes (UFNT)

Maria Célia Dias de Castro (Uema/Uemasul)

Abstract: Ecolinguistics combines theoretical assumptions from two areas of knowledge: Ecology, which studies the interactions between living beings and the environment in which they live, and Linguistics, which analyses human language in its multiple aspects. This study, an excerpt from a master's thesis, explores the interface between toponymy, more specifically oronymy, and ecolinguistics, focusing on place names (toponyms) that preserve the local lexicon associated with orographic features. The objective is to analyse sixteen oronyms from the Southern Maranhão Mesoregion, examining toponymic and iconicity categorisations, as well as ecolinguistic aspects that are intertwined in these names. The methodology is based on toponymic (DICK, 1990; 1992), iconic (LAKOFF, 2004; FRAGO GRACIA, 1982; NEVES, 2004) and linguistic-ecosystemic references (COUTO, 2014; 2016, 2023). The data were selected based on the identification and classification of sixteen geographical features, observing the relationships between the names and the elements they designate, with an emphasis on iconic associations between toponyms and places. The results highlight relevant contributions to the appreciation of local orography as tourist and cultural heritage, fostering a sense of belonging and preservation for these geographical features.

Keywords: Toponymy; Ecolinguistics; Iconicity.

Resumo: A Ecolinguística combina pressupostos teóricos de duas áreas do conhecimento: a Ecologia, que estuda as interações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, e a Linguística, que analisa a linguagem humana em seus múltiplos aspectos. Este estudo, recorte de uma dissertação de mestrado, explora a interface entre a Toponímia, mais especificamente a Oronímia, e a Ecolinguística, com foco nos nomes de lugares (topônimos) que preservam o léxico local associado a acidentes orográficos. O objetivo é analisar dezesseis orônimos da Mesorregião Sul Maranhense, examinando categorizações toponímicas e de iconicidade, bem como aspectos ecolinguísticos que se entrelaçam nesses nomes. A metodologia baseia-se em referenciais teóricos

toponímicos (DICK, 1990; 1992), icônicos (LAKOFF, 2004; FRAGO GRACIA, 1982; NEVES, 2004) e linguístico-ecossistêmicos (COUTO, 2014; 2016, 2023). Os dados foram selecionados a partir da identificação e classificação de dezesseis acidentes geográficos, observando as relações entre os nomes e os elementos que denominam, com ênfase em associações icônicas entre os topônimos e os lugares. Os resultados evidenciam contribuições relevantes para a valorização da orografia local como patrimônio turístico e cultural, fomentando o sentimento de pertencimento e o senso de preservação por esses acidentes geográficos.

Palavras-chave: Toponímia; Ecolinguística; Iconicidade.

1 Considerações Iniciais

A visão ecolinguística compreende que as interações linguísticas no ecossistema dependem das relações entre os membros do ecossistema linguístico. Nessa abordagem, a linguagem é percebida como expressão da forma como o mundo é visto, havendo uma associação entre essa visão de mundo e a estrutura da palavra, os elementos vivos da cultura de quem a utiliza. Assim, os aspectos geofísicos e sociais são forças que influenciam o pensamento humano, o que indica que a língua, de certa forma, é influenciada pelo meio ambiente.

Este campo de estudo surge amalgamando pressupostos teóricos de duas ciências: a Ecologia, que, segundo o dicionário Houaiss (2001-2007), estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio no qual vivem; e a Linguística, ramo de estudos que analisa e observa a linguagem humana em todos os seus aspectos. Couto (2007; 2016) elaborou um esquema que evidencia a relação entre língua e território (meio), mediada pela população. Esse esquema revela que os três fatores, Língua, Território e Povo (LTP), interagem entre si, envolvendo o território e seus membros constituintes. Estão interconectados, influenciando-se mutuamente.

Os estudos de iconicidade inserem-se na perspectiva cognitivista. A Linguística Cognitiva, além de investigar como os processos mentais se refletem na linguagem, também contribui para os estudos de iconicidade, conceito que remete a uma relação de semelhança ou representação direta entre o signo linguístico e o objeto ao qual ele se refere (NEVES, 2004). Na perspectiva da iconicidade, a linguagem não é um sistema puramente arbitrário, mas apresenta traços que evocam aspectos sensoriais e perceptuais do mundo real. Isso é evidente nos nomes de lugares, especialmente com os orônimos, onde metáforas, associações visuais de semelhança, e metonímias, associações de relação por contiguidade, desempenham um papel seminal no processo de nomeação.

ECO-REBEL

Com base nessas vertentes e na Toponímia, mais precisamente a oronímia, este trabalho figura-se como uma pesquisa interdisciplinar e realiza um recorte de uma pesquisa sobre os topônimos, notadamente o léxico local preservado na denominação dos acidentes orográficos. O objetivo é analisar as motivações e a iconicidade em dezesseis orônimos extraídos de um Produto Técnico-Tecnológico (MENDES, 2022) sob um viés ecolinguístico e cognitivista.

A metodologia está pautada em uma abordagem qualitativa, com pesquisa documental, tendo como base os pressupostos teóricos toponímicos de Dick (1990; 1992); os icônicos, com Neves (2004) e Bréal (2022), e linguístico-ecossistêmicos, com Couto (2007, 2014; 2024). Os parâmetros de análise incluem categorizações toponímicas, identificação da localização/cidade, categorizações iconímicas, bem como observações ecolinguísticas acerca das inter-relações entre nome e lugar.

O trabalho pode contribuir para a divulgação dos lugares (orografia) e seus aspectos geoculturais, o que pode cultivar ainda mais o sentimento de pertencimento a esses espaços, às culturas local e regional dos habitantes e o senso de preservação e sustentabilidade em relação a esses elementos geográficos, bem como ser mais um contributo aos estudos do léxico toponímico maranhense.

2 Contextualizando a Ecolinguística

O termo ecologia foi usado pela primeira vez pelo estudioso Ernst Haeckel (1834-1919) na sua obra *Generelle Morphologie der Organismen*, no ano de 1866 e passou a referir-se ao estudo das inter-relações entre os seres vivos e o meio de que fazem parte. Por englobar todos os organismos que compõem um determinado espaço, a Ecologia ultrapassa os limites da Biologia, expandindo-se para a Linguística e a Sociolinguística, áreas nas quais as interações entre linguagem, sociedade e ambiente também são objeto de análise e reflexão (COUTO, 2007).

Einar Haugen inaugurou um novo campo de investigação ao propor definições sobre a relação entre a língua e o meio ambiente. Segundo Haugen, essa disciplina pode ser entendida como o “estudo das interações entre língua e seu meio ambiente”, enfatizando que “o meio ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um de seus códigos” (HAUGEN, 1972, p. 325 apud COUTO, 2007, p. 19). Essa definição inicial abriu caminhos para o desenvolvimento de diferentes abordagens nesse campo, ao passar a olhar a língua como algo que está inserido em um ecossistema ambiental e social, trazendo diferentes perspectivas que compartilham aspectos

ECO-REBEL

naturais, sociais e mentais relacionados à língua, incluindo como ela se adapta e se relaciona ao seu contexto físico e cultural.

A Ecolinguística estuda tudo que está relacionado com língua e meio (ambiente). Assim, podemos entender que, no território, tudo está relacionado a tudo, dependendo apenas de como direcionamos nossos olhares para o todo que nos cerca.

Segundo Couto (2007; 2016), as línguas se adaptam ao ambiente e quanto mais pessoas as utilizarem mais elas se expandirão, enquanto a falta de falantes implicaria no desaparecimento de uma determinada língua. Em outras palavras, quanto mais o ser humano conhece e se relaciona com o mundo ao seu redor, mais rica se torna sua linguagem, o que nos remete novamente à relação entre língua e território.

Percebemos, então, que, dentro da teoria dos campos semânticos, cada língua pode trazer uma visão de mundo única para especificar algo ou alguma coisa da cultura a que pertence. Por exemplo, no português, o termo *manga* (fruta) possui diversas subclassificações, como *manga fiapo*, *manga rosa*, *de mesa*, *foice*, *maçã*, *manguita*, *coração* e *manteiga*. De modo semelhante, no idioma esquimó, a palavra *neve*, apresenta várias distinções para classificar os diferentes tipos dessa formação de cristais de gelo¹, enquanto, em português, o termo se limita a um só significado. Conforme demonstrado, a língua se apresenta como um reflexo da percepção humana sobre a realidade e a natureza, evidenciando que para cada palavra há um objeto ou conceito específico a ser nomeado. Em síntese, as palavras emergem ligadas a um referente como uma resposta à necessidade de nomear aquilo que existe no mundo e interagir com esses seres.

Ao longo de sua evolução histórica, a Ecolinguística passou a ser designada por diversas nomenclaturas, como linguística ecológica, ecologia linguística, ecologia da língua ou ecologia das línguas. Essas diferentes designações refletem a multiplicidade de perspectivas e enfoques adotados pelos pesquisadores que, ao longo do tempo, ampliaram a compreensão sobre as interações entre a língua e os fatores socioculturais e ambientais. Cada termo destaca aspectos específicos dessa relação, seja enfatizando o papel ecológico da língua nas comunidades humanas, seja investigando a influência do contexto sociocultural na dinâmica linguística (COUTO, 2007). Portanto, a variedade terminológica observada na área não é meramente semântica, como também revela a riqueza teórica e metodológica da Ecolinguística, que continua a se expandir e a se

¹ Informação trazida de Lyons (1987).

diversificar conforme novas abordagens e preocupações socioambientais surgem no cenário global e acadêmico.

Em interface com essa disciplina, a Toponímia, parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de lugares, abarca um estudo amplo (etimológico, histórico, social, cognitivo e outros) sobre os nomes de lugares que, por sua vez, são os nomes geográficos próprios de uma região, cidade, lugar, entre outros; são os resultados e os registros das interações entre as pessoas e seu ambiente através da linguagem. Durante todo o processo desta pesquisa, foi levada em consideração a relação existente entre léxico e ambiente, pautada no fazer onomasiológico, bem como na perspectiva ecolinguística, que percebe as inter-relações entre o povo, o território habitado e a língua falada por esse povo.

O grande número de fitotopônimos tem caráter revelador quanto à relação homem e ambiente. Nesse caso, a partir das análises dos dados do corpus, nota-se que o homem faz uso da flora e de tudo aquilo que faz parte do seu meio natural para dar nomes aos lugares, revelando tanto as inter-relações de caráter cognitivo como ecolinguístico, o que demonstra uma convergência teórica muito próxima entre esses dois campos da pesquisa linguística no viés da Toponímia.

Relacionada a esses fatores, a Ecolinguística, enquanto estudo das interações entre meio ambiente (físico, social e mental) e língua, manifesta-se nos diversos fenômenos da gênese da linguagem, uma vez que tanto a fauna e a flora, enquanto aspectos do meio físico, quanto fatores psicológicos influenciam o processo denominativo. Significa que o povo (P), inserido em um território (T), faz uso da língua (L) e de tudo aquilo que o cerca, seja social, físico ou mentalmente, para abarcar suas necessidades e nomear o lugar (COUTO, 2007).

3 Signo Toponímico e Linguística Cognitiva

Desde os seus primórdios, a humanidade se relaciona com o meio ambiente e faz menção aos objetos do mundo via sistema denominativo. Esse comportamento gera termos linguísticos legitimadores de entidades, os quais passam ao estatuto de signos. Para Saussure, signo linguístico é “a união do sentido e da imagem acústica. Uma entidade psíquica de duas faces composta por um significado e por um significante” (SAUSSURE, 1916, p. 80). Assim, o significado está para as ideias (sentido/conceito) enquanto o significante está para a expressão (imagem). A respeito disto, Blikstein (1985, p. 20) assinala que “o signo seria, afinal, algo que substitui ou representa as coisas,

ECO-REBEL

isto é, a realidade”. É necessário considerar fatores extralinguísticos, uma vez que eles são responsáveis por representar esta realidade.

Relacionado a isso, o “triângulo semiótico”, assim chamado por Ogden e Richards (apud Blikstein, 1985, p. 23), constitui-se de uma nova significação para a teoria de Saussure. Assim, foram acrescentados ao significante e significado a coisa (ou referente):

C. K. Ogden e Richards lançaram a figura do *referente*, isto é, a *coisa* extralinguística, que distinguiam nitidamente de *referência* ou significado linguístico; ficavam assim superadas, aparentemente, as relações dicotômicas entre significante e significado, ou entre signo e realidade, ou ainda entre signo e pensamento, na medida em que o *símbolo* (signo, ou melhor, significante para Saussure), *referência* ou *pensamento* (significado para Saussure), e *referente* (coisa ou objeto extralinguístico) passavam a figurar numa relação triádica, esquematizada num triângulo que ficaria clássico na linguística e na semiologia (BLIKSTEIN, 1985, p. 23).

Para tanto, a Figura 1, representação do triângulo, é capaz de ajudar na compreensão e interpretação dos topônimos:

Figura 01: Triângulo de Ogden e Richards

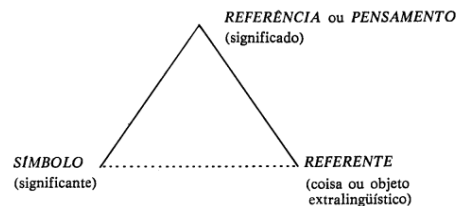


GRÁFICO n.º 1: O triângulo de Ogden e Richards

Fonte: Blikstein (1985, p. 25).

Entretanto, mesmo após a inserção desses novos termos na teoria linguística, os fatores extralinguísticos continuaram esquecidos na pesquisa e análise. Mas Blikstein (1985, p. 39) acrescenta e insiste que há a “necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado”.

O topônimo funciona como signo linguístico ao atuar como identificador do espaço geográfico e por transmitir a relação existente entre o denominador e sua realidade (física, mental, social, cultural) sendo, portanto, motivado por fatores extralinguísticos como “características físico-geográficas e características antropoculturais, ligadas a aspectos psíquicos, históricos e culturais que o homem apresenta, enquanto ser individual e social” (SANTOS, 2019, p. 55), esclarecimento endossado por Andrade (2010, p. 134), ao afirmar que “o signo toponímico é

ECO-REBEL

motivado, sobretudo, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador”. Ou como ainda enfatizado a seguir:

É correto afirmar que o local, sua própria forma aparente, é referência motivacional para o nome. Nesse sentido, reafirmamos que a linguagem é o principal objeto de nossa inserção no meio em que vivemos: a seus aspectos, suas formas, culturas, a tudo aquilo que faz parte de nosso ambiente, seja ele físico, social ou mental” (MENDES; CASTRO, 2022, p. 06).

Corroborando com essa assertiva, Biderman (1998) esclarece que os nomes refletem suas causas motivacionais, que transparecem em dois momentos: no primeiro, o nomeador, a partir das motivações/interferências locais, sugere/escolhe um nome; no segundo, essa motivação é intrínseca ao ser, fazendo com que o sujeito-nomeador realize escolhas a partir de suas experiências. Ou seja, os nomes não são escolhas arbitrárias, mas resultado de uma interação entre influências externas e motivações do nomeador.

O linguista italiano Mario Alinei arguiu a questão da motivação no processo de nomeação dos elementos da realidade. Mostrou como o signo é motivado no momento de sua criação. Nesse momento de gênese, as características distintivas do referente serão individualizadas e ressaltadas, motivando o nome apostado a esse referente (BIDERMAN, 1998, p. 110).

Fica evidente, portanto, a caracterização do topônimo como um signo linguístico “toponímico” em razão da importância do processo conceptual de geração do termo com esse estatuto, em que o vincula a seu referente/lugar.

A Linguística Cognitiva, ao estudar os processos mentais que envolvem a compreensão e a produção da linguagem, contribui significativamente para o campo da Oronímia, ramo da Toponímia que se ocupa do estudo dos nomes de acidentes geográficos, como montanhas, serras, morros e colinas. Essa perspectiva cognitiva destaca que os nomes atribuídos a elementos orográficos refletem a forma como o ser humano percebe, categoriza e interpreta o elemento geográfico a seu redor.

Consideramos o que foi exposto, reiteramos que a escolha dos nomes não é arbitrária, mas necessariamente revela a relação simbólica e cognitiva entre o indivíduo e suas experiências/impressões sobre o ambiente.

ECO-REBEL

A Linguística Cognitiva² surge, na década de 70, a partir do interesse pela significação no processo de categorização linguística e na inseparabilidade entre o cognitivo³ e o social⁴. Significa dizer que os aspectos socioculturais e cognitivos estão imbricados quanto à reprodução da visão de mundo, principalmente na ação de conceituar, através do nome próprio. Estes, para Bréal (2008, p.126), “são os substantivos por excelência”, e passam por esse processo por serem “os mais significativos de todos, sendo os mais individuais” e por conceituarem aquilo que está ao redor dos seres, a sua visão-percepção.

Isso nos leva à definição, segundo Lakoff, de *frame*:

*Frames*⁵ are mental structures that shape the way we see the world. As a result, they shape the goals we seek, the plans we make, the way we act and what counts as good or bad outcome of our actions. In politics our frames shape our social policies and the institutions we form to carry out our policies. To change our frames is to change all this. Reframing is social change (LAKOFF, 2004, p. 15).

As estruturas podem ser imagens mentais que partem de um conjunto sociocultural capazes de influir em e direcionar nossa capacidade de agir linguisticamente, de evocar expressões/enunciados reveladores de nossa cosmovisão, como quer que sejam.

A partir dessa abordagem, entende-se que o processo de nomeação oronímica está intimamente ligado às experiências sensoriais e culturais das comunidades que habitam determinado território. Os orônimos não apenas identificam pontos específicos na paisagem, mas

² A linguística cognitiva rejeita os postulados da linguística moderna decorrentes do princípio de autonomia da linguagem: entre outros, a separação entre conhecimento "semântico" (ou "linguístico") e conhecimento "enciclopédico" (ou "extralinguístico"), fundamentada no postulado da existência de um nível estrutural ou sistêmico de significação linguística (relativamente ao qual se considera que se podem e devem definir e analisar as categorias linguísticas), distinto do nível em que o conhecimento do mundo está associado às formas linguísticas (SILVA, 1997b, p. 02-03).

³ Relativo ao processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio (HOUAISS 2001-2007).

⁴ Concernente à sociedade; relativo à comunidade, ao conjunto dos cidadãos de um país; coletivo (HOUAISS 2001-2007).

⁵ *Frames* são estruturas mentais que moldam a maneira com que vemos o mundo. Como resultado, eles moldam os objetivos que traçamos, os planos que fazemos, a maneira que agimos e o que conta como resultados bons ou ruins de nossas ações. Na política, nossos *frames* moldam nossas políticas sociais e as instituições que formamos para implementar nossas decisões. Mudar nossos *frames* é mudar tudo isso. *Reframing* é mudança social (tradução nossa).

ECO-REBEL

também carregam informações sobre a história, as crenças, as atividades econômicas e a relação afetiva das populações locais com esses espaços. Dessa maneira, a Linguística Cognitiva oferece uma lente teórica valiosa para compreender como o ser humano constrói significados e estabelece vínculos com o ambiente natural por meio da linguagem.

Ao pensarmos na ciência toponímica, especificamente sobre os orônimos, um dos aspectos relevantes no que diz respeito ao topônimo é a persistência histórica e sua diversidade semântica. Assim, fatores tanto físicos (aspectos geográficos, topografia, clima), quanto psicossociais (forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo) refletem-se na língua, que, dessa forma, sofre influências de três pontos:

Quanto ao seu assunto ou conteúdo, isto é, ao léxico; quanto ao sistema fonético, isto é, o sistema de sons com que opera para construir as palavras; e quanto à forma gramatical, isto é, aos processos formais e às classificações de ordem lógica ou psicológica que se usa quando se fala (SAPIR, 1969, p. 45).

Desse modo, o léxico sofre algumas interferências em sua estrutura morfológica que se tornam traços marcantes de seu contexto gerador. Entretanto, apenas aspectos linguísticos não são suficientes para a definição daquilo que motiva o nome do lugar. É necessário recorrer a outras formas de identificação associativas de ordem psicológica, as quais não dizem respeito ao acidente físico propriamente, mas à forma de percepção dos aspectos que podem ser encontrados em suas proximidades, como assinalado por Frago Gracia (1982, p. 25-26):

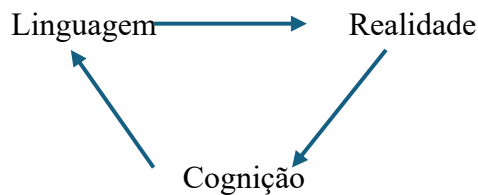
Un somero repaso al articulado de este capítulo onomástico revelará enseguida que unas veces se trata de genuinos nombres orográficos, en tanto que otras veces se estará ante acomodaciones más o menos cuajadas, también con similar sentido oronímico, en los usos léxicos de diferentes épocas, acomodaciones en su mayoría debidas a metáforas que se han visto propiciadas por la comparación de algunos relieves del suelo con partes del cuerpo humano o animal, y con objetos muy familiares al campesino. Por lo demás, la metaforización es un recurso creativo casi omnipresente en la oronimia, si bien al considerar este fenómeno es preciso distinguir, de un lado, el momento de la historia del vocablo en que ha tenido lugar y, de otro lado, el nivel de especialización que en este particular valor semántico ha adquirido la palabra en cuestión, no sólo por la intensidad con que se refleje en la toponimia, sino también en el léxico común⁶.

⁶ Uma breve revisão dos artigos deste capítulo onomástico revelará imediatamente que ora são nomes orográficos genuínos, ora estaremos diante de acomodações mais ou menos coaguladas, também de sentido oronímico semelhante, nos usos lexicais de diferentes períodos, acomodações principalmente por metáforas que têm sido propiciadas pela comparação de alguns relevos no solo com partes do corpo humano ou animal, e com objetos muito familiares ao camponês. De resto, a metaforização é um recurso criativo quase onipresente (tradução nossa).

ECO-REBEL

Frago Gracia ressalta o processo de criação dos nomes oronímicos decorrentes de associações comparativas de origem metafórica, seja tomando como fonte para essa comparação partes do corpo humano, o que tem orientado muitas metáforas, de partes de corpo de animais, como também de objetos que permeiam o espaço natural dos denominadores. Assim, o autor ressalta o caráter onipresente da metáfora no processo criativo de atribuição dos nomes, notadamente dos orônimos, no momento histórico que singulariza essa criação vocabular, como também no nível de especialização que adquiriu a palavra ao ser metaforizada como signo oronímico.

Nesse caso, no âmbito da perspectiva cognitiva, também se volta para a iconicidade via “metáfora” em relação às inter-relações existentes entre o ambiente sociocultural e as imagens conceituais que podem ser evocadas. Temos então, numa abordagem semântica:



Fonte: Baseado em Lakoff, 2004, p. 15

Para Lackoff (2004) as relações entre estrutura sintática e mundo objetivo são mediadas pela cognição. Correlacionando essa afirmação ao conceito toponímico, percebemos que há uma (re)integração ‘linguística’: construímos novos significados envolvendo aquilo (termos) que já conhecíamos antes. Ao analisarmos um orônimo, transparece a representação do mundo objetivo, o elemento geográfico, via termo genérico, e o nome próprio específico, gerando uma representação sígnica:

Morro/Serra - projeção do elemento geográfico, via termo genérico

do Elefante/do Gado Bravo - evocação de um nome, via termo específico

Percebemos que é necessário um conhecimento prévio responsável pela integração entre dois (ou mais) nomes, entendendo esses aspectos de forma separada (com um significado) e,

ECO-REBEL

posteriormente, adjungida (fusão dos termos com um significado novo, criativo), passando a entender o nome como um todo, ou melhor, a representação do lugar enquanto um novo termo que foi gerado resultante dessa associação, o topônimo.

Na perspectiva desta análise, importa ressaltar que a relação de cada topônimo é disposta por dois elementos básicos, conforme apresentado anteriormente, que nos remetem ao tipo de acidente e ao nome que carrega. São eles: *termo genérico* e *termo específico*.

Ao designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores (DICK, 1992, p. 10)

A linguagem é, pois, considerada como parte integrante da cognição⁷, capaz de justificar e categorizar a realidade física com base na realidade psicológica, o que quer dizer que interligamos o conhecimento linguístico àquilo que vemos, presenciamos e com que interagimos. Esses conhecimentos estão atrelados ao que vivenciamos social e culturalmente⁸ e, a partir disso, correlacionamos essas experiências à construção de novos sentidos. Na ciência toponímica, principalmente com os nomes atribuídos à oronímia, as experiências do sujeito denominador são fortemente ligadas à sua visão-percepção a fim de descrever as sensações emergidas pelo que sugerem os acidentes físicos.

Nesse caso, tem-se a língua como instrumento para expressar ações, sentimentos, significações e interações em sociedade, elementos capazes de estabelecer categorias na estrutura da língua. À categoria dos orônimos, integram-se elementos geográficos como montanhas, montes, colinas, maciços de montanhas, cordilheiras e afins, pois todos possuem características básicas da categoria 'orotopônimo'. Para esse conjunto, outras categorias vão surgindo em um processo de nomeação icônica: orônimos que acionam nomes de animais, de objetos da cultura material, de partes do corpo humano, de eventos do mundo e outros. Segundo Chiavegatto, "as formas da língua acionam um conjunto de processos aparentemente simples, que operam sobre bases de

⁷ Processo ou faculdade de adquirir um conhecimento; percepção; ato ou efeito de conhecer (Houaiss, 2001-2007).

⁸ Foi com Edward Sapir em 1921, com o livro *A linguagem* (1972) que pela primeira vez foi ressaltada a relação estreita entre língua e cultura. Afirmava o antropólogo que havia uma coesão qualquer entre a língua e o povo que dela se utiliza para a comunicação, observação que brotou da experiência de fazer a descrição das línguas indígenas ágrafas, em meio a culturas diferenciadas, em fase de extinção (CHIAVEGATTO, 2009, p. 79).

conhecimentos subjacentes na memória ou presentes como contexto, nas situações comunicativas” (CHIAVEGATTO, 2009, p. 83).

Essas nomeações icônicas ocorrem, como afirmado, via associação por semelhança, em que um objeto, o ‘morro’, é tomado pela semelhança com outro ‘garrafão’ no processo denominador (Morro do *Garrafão*); ou associação por contiguidade/proximidade/presença de um elemento geográfico ‘serra’ com um objeto, animal etc ‘gado bravo’ (Serra do Gado Bravo). Diversos são os elementos acionados nesse processo associativo: animais, de objetos da cultura material, de partes do corpo humano, de eventos do mundo e outros.

Assim, os processos motivacionais cognitivos e as construções linguísticas abrangem correspondências metafóricas e metonímicas interligando cognição e linguagem, em que esta se materializa principalmente acionando os nomes que subjazem ao vocabulário comum dos interactantes.

4 Análise dos dados oronímicos

Uma das principais perguntas feitas por pesquisadores da área toponímica diz respeito à motivação no processo de nomeação dos lugares. É fato que a necessidade de dar nomes aos acidentes sempre existiu. O que nos move agora é a tentativa de entender os mecanismos que impulsionam os seres humanos em suas escolhas lexicais para constituir o orônimo, o que se verificou no âmbito das categorizações toponímicas e da iconicidade.

Muitos não sabem a razão da atribuição do nome ou sua motivação. Assim, alguns topônimos e, principalmente, os orônimos são relativamente desconhecidos pelos moradores, justificando-se que as forças motivacionais e as influências que antes cercavam os acidentes físicos podem se apagar diante das marcas do tempo. Estas discussões se fazem, neste caso, de extrema importância para que esses fatores permaneçam vivos na memória social. É necessário, portanto, buscar e interpretar seus significados e motivações para que este conhecimento não fique apenas no passado e possa seguir com as novas gerações.

Com este propósito, apresentam-se os dados que foram extraídos de um Produto Técnico-Tecnológico (MENDES, 2022), cujo material tem sido portfólio para outras investigações e publicações, inclusive para esta pesquisa, que demonstra dois fatores iminentes dos orônimos: primeiro, a *não-arbitrariedade* desses nomes; em seguida, a *iconicidade* neles presente, seja por semelhança, seja por contiguidade. São dezesseis os nomes que compõem a análise do Quadro 1.

ECO-REBEL

O critério de escolha desses orônimos foi a relevância que esses acidentes físicos têm para as comunidades locais. Muitos são pontos turísticos, locais históricos e lugares que servem como pontos de referência para os moradores que fazem parte da comunidade.

Quadro 01: Orônimos sul-maranhenses

Orônimo	Classificação Toponímica (Dick, 1990)	Localização/Cidade	Caracterização Iconímica
1 Serra do <i>gado bravo</i>	Zootopônimo	Balsas	O termo expressa uma relação metonímica. A história revela que o local servia como passagem para o gado e, a partir desse fato, recebeu esse nome como forma de referenciar o local de uso social em relação às atividades do sertão maranhense. O nome do lugar expressa relação de contiguidade com os animais que o habitavam.
2 Serra do <i>Timbó</i>	Fitotopônimo	Balsas	O referente motivador são as plantas que estão presentes no local, estabelecendo uma relação de contiguidade, de presença. De forma metonímica, a flora passa a representar o local de uso social pelo nome.
3 Serra do <i>Ginete</i>	Ergotopônimo	São Félix de Balsas	Nesta região era muito comum a presença e locomoção de vaqueiros que levavam gado. <i>Ginete</i> , segundo o dicionário Houaiss, significa <i>sela</i> . O que quer dizer que os usuários da língua fazem uso de seu léxico cotidiano e o reutilizam para representar os lugares onde vivem ou por onde passam. Metonímia.
4 Serra do <i>Arco</i>	Ergotopônimo	Fortaleza dos Nogueiras	Este objeto de uso inicialmente indígena demonstra como a língua também é um repertório de heranças culturais e linguísticas. No caso do orônimo em aputa, é também uma forma icônica por semelhança, de representação, visto que a serra imita a forma de um arco, uma associação metafórica.
5 Morro <i>Redondo</i>	Morfotopônimo	Feira Nova	Acionando conceitos metafóricos, a forma física circular do acidente demonstra a existência de aspectos icônicos imagéticos durante o ato de atribuir nomes aos lugares.
6 Vão do <i>Buriti de Dentro</i>	Fitotopônimo	São Félix de Balsas	A abundância dessa fruta no local faz com que, a partir de uma associação de contiguidade, por presença dela em um espaço especificado – associação metonímica - o denominador faça uso desse termo léxico para denominar seu habitat.
7 Morro do <i>Chapéu</i>	Ergotopônimo	Carolina	Assim como outros acidentes físicos, o Morro do Chapéu faz parte do parque ecológico da Chapada das Mesas. O termo específico <i>do</i>

ECO-REBEL

			<i>Chapéu</i> é atribuído em razão da similaridade existente entre o lugar e esse elemento de cultura material, em uma relação de semelhança, metafórica.
8 Serra do <i>Penitente</i>	Animotopônimo disfórico	Balsas	Os orônimos também são representativos da cultura espiritual e psíquica do nomeador. Traços da “penitência” foram historicizados e estão ou estiveram presentes de alguma maneira na serra, de forma que foram acionados cognitiva e linguisticamente ao nome, o que marca a metonímia.
9 Serra da <i>Enxada</i>	Ergotopônimo	Alto Parnaíba	Os elementos materiais da cultura sertaneja prestam-se como referentes para os nomes dos lugares. O acionamento relaciona-se mais pela presença do objeto da cultura material em algum momento, indicando a metonímia.
10 Morro do <i>Garrafão</i>	Ergotopônimo	Tasso Fragoso	Ponto turístico da cidade de Tasso Fragoso, o Morro do Garrafão recebe esse nome em razão de fatores icônicos de semelhança, metafóricos, na forma de concepção e atribuição do nome, pois para os moradores locais o elemento geográfico reflete o referente garrafão, chamando-lhes a atenção.
11 Morro do <i>Elefante</i>	Zootopônimo	Tasso Fragoso	Também ponto turístico dessa cidade, o Morro do Elefante talvez seja o que mais representa os fatores icônicos de semelhança nos orônimos aqui estudados. A forma física do acidente em muito se assemelha ao animal que dá nome ao local, estabelecendo-se uma concepção metafórica de acionamento e atribuição de nome.
12 Serra <i>Vermelha</i>	Cromotopônimo	Sambaíba	A terra, com essa cor característica, de forma metafórica serve como elemento motivador para a atribuição desse nome. Mas também pode ser concebido pela presença do tipo de solo, estendendo-se a uma concepção metonímica.
13 Morro da <i>Ferrugem</i>	Litotopônimo	Balsas	A coloração da terra é traço desse elemento geográfico e reflete-se no nome do lugar. Novamente percebe-se uma concepção metafórica, mas também metonímica.
14 Morro do <i>Fogo</i>	Igneotopônimo	Riachão	Semelhante à cor do fogo, o local recebe esse nome elencando fatores metafóricos. Percebe-se também concepção metonímica na forma de atribuição do orônimo, em que a presença do fogo pode ter sido um fator de atribuição do nome.
15 Morro da <i>Foice</i>	Ergotopônimo	Riachão	Os objetos da cultura material usados como ferramentas de trabalho e sobrevivência da população muito são acionados para indicar

ECO-REBEL

			presença nos lugares denominados, indiciando uma extensão metonímica.
16 Morro <i>do Tamanduá</i>	Zootopônimo	Carolina	Nesse termo oronímico há uma relação de contiguidade, metonímica, tendo em vista o local ser habitado pelo animal que o nomeia, numa relação de presença, contiguidade.

Fonte: as autoras (2025).

Há diversas formas de se investigar as motivações toponímicas, partindo de suas características. A função do topônimo, enquanto um nome próprio de lugar, é distinguir um lugar entre os outros. Entretanto, suas motivações são, por vezes, desconhecidas pela comunidade local, podendo ser vistas apenas como um nome comum, um nome vazio/opaco.

Os resultados da pesquisa revelam primeiramente que os municípios representados nesta pesquisa são pertencentes à Mesorregião Sul Maranhense, Microrregião do Gerais de Balsas (Alto Parnaíba, Balsas, Riachão e Tasso Fragoso), Microrregião da Chapada das Mangabeiras (Sambaíba e São Félix de Balsas) e Microrregião de Porto Franco (Carolina). Esses municípios possuem uma rica orografia, impactando positivamente no desenvolvimento do turismo ecológico e em pesquisas científicas diversas sobre fauna, flora, cursos d'água, inclusive no estudo linguístico de seus nomes.

O primeiro nome do sintagma toponímico, o termo genérico, leva-nos à indicação e classificação dos tipos de elementos geográficos; o segundo, o próprio topônimo, o termo específico, à classificação taxonômica dos acidentes, a exemplo de Serra *da Enxada* (elemento da cultura material humana), Serra *do Caititu*, Morro *da Macaca* e Serra *dos Porcos* (acionamento da fauna), Morro *Vermelho* (aciona as cores do solo), Vão *do Buriti* (aciona a flora circundante). O primeiro termo (serra, morro, vão) refere-se aos objetos do mundo, os elementos geográficos também chamados de “genéricos”, os quais nos indicam os tipos de acidentes e não são levados em consideração dentro das taxonomias de Dick (1990) que categorizam os nomes. Os nomes que vêm após o termo genérico (*Enxada, Caititu, Porcos, Vermelho, Macaca, Buriti*) são conhecidos como termo específico, pois identificam, particularizam e singularizam os locais denominados face aos outros acidentes, relacionando-os, muitas vezes, ao próprio meio ambiente que referem, a coisa denominada.

As categorizações toponímicas, exceto animotopônimos e ergotopônimos, são de natureza física, acionando para a forma dos nomes a presença dos animais, das plantas, dos minerais, das

ECO-REBEL

formas geográficas e do fogo, ressaltando essa interdependência do processo conceptual denominador com os elementos constituintes da natureza. Os objetos da cultura material e os estados d'alma (Serra do Penitente) também foram conceptualmente acionados para denominar o meio ambiente, morros e serras e outras elevações.

Dos 16 (dezesesseis) termos oronímicos analisados, 08 (oito) expressam uma concepção metafórica, em que um termo fonte é acionado para denominar um novo referente em função de relações de semelhança entre o objeto fonte e o objeto alvo da denominação. Do total dos nomes, 11 (onze) termos oronímicos expressam relação de presença, de contiguidade, estabelecendo uma relação metonímica.

Observe-se que os acionamentos metafóricos e metonímicos não são excludentes entre si. As duas formas conceptuais podem ser acionadas para atribuição de um único nome, como em *serra Vermelha*, em que presença/contiguidade e cor/imagem são coocorrentes semanticamente no sentido de geração desse termo. Esta apreensão também ocorre em Castro (2012), ao analisar os nomes dos municípios maranhenses, verificando que a relação metonímica ainda é mais básica na gênese dos nomes de lugares do que a metafórica.

É a partir dessa ação de gerar nomes, portanto, que a humanidade categoriza e organiza sua realidade, fazendo uso de elementos linguísticos capazes de referenciar os acidentes físicos (e humanos) de uma região. Assim, é possível afirmar que existe uma relação icônica, seja de semelhança ou de contiguidade, entre lugar e nome próprio, como um “princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem, na linguagem humana” (NEVES, 2004, p. 103). Para esta autora, a forma linguística implica uma motivação icônica refletida no lugar representado. Isso porque o denominador lança mão de aspectos descritivos do lugar, como em morro *do Elefante* cujo nome, o orônimo, é dado segundo a semelhança das características físicas que o referente aparenta ter com o animal; e ainda de aspectos associativos, com a relação de presença/contiguidade, como em serra *do Gado Bravo*, referente à fauna, e vão do *Buriti de Dentro*, referente à flora local, demonstrando que tanto aspectos puros descritivos quanto aspectos associativos contribuem com a motivação nominal. “É o caso da vegetação brasileira, que contribuiu com tantos nomes para a toponímia fitonímica, ou dos próprios animais que, independentemente de um determinado espaço, definido como habitat próprio, o distinguem pela sua presença, isolada ou em bandos” (DICK, 1990, p. 41).

ECO-REBEL

Existe, além de tudo, uma relação imanente e necessária entre o homem (nomeador), a língua (léxico) e seu ambiente (aspectos motivacionais), como defendem pesquisadores de perspectiva ecolinguística (COUTO, 2007; 2014, FRAGO GRACIA, 1982; SAPIR, 1969; MENDES, 2022). Nesse sentido, Frago Gracia assinala que, após um referente geográfico ter recebido um nome próprio, “lo conservan en la actualidad, sí se registrará, en cambio, la abrumadora mayoría de los topónimos específicos de elevaciones del terreno, o de los que, bien por metaforización tardía bien por motivación semántica originaria, son orónimos en el sentido estricto de la palabra”⁹ (FRAGO GRACIA, 1982, p. 27). O orônimo funciona então como signo linguístico que traduz a imagem do lugar propriamente ou de elementos que compõem o espaço em sua totalidade, sendo gerado tendo como base conceptual aspectos semântico-metonímicos e semântico-metafóricos apreendidos do meio ambiente físico, social, cultural. No âmbito da perspectiva cognitiva e da Ecolinguística, volta-se para a iconicidade via “metáfora” em vista das inter-relações existentes entre o ambiente sociocultural e as imagens conceituais que os denominadores evocaram do ambiente em que habitam.

Comparar uma coisa à outra, estabelecendo analogia a um nome existente e dando significado ao acidente físico, faz parte do ser humano, pois é por meio desse processo que se constrói significados, estabelecem-se associações e reforça-se a percepção de mundo compartilhada dentro de seu contexto cultural, ou seja, “O povo transporta para objetos inanimados adjetivos cuja ideia empresta ao homem” (BRÉAL, 2008, p. 95). É o processo de significação que atribui um nome em analogia a outro já existente, conhecido como metáfora. Através da metáfora transpomos novos significados que, mediante uma palavra, designa um novo objeto, nesse caso, um acidente físico tido como topônimo. Por sua vez, “a significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar [...] O signo é, portanto, um excitante – os psicólogos dizem um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo” (Guiraud, 1986, p. 15).

o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada (DICK, 1990b, p. 34).

⁹ Conservam-no na atualidade, como registro da maioria dos topônimos específicos de elevações do terreno, ou daqueles que, seja por metaforização tardia ou por motivação semântica original, são orónimos no sentido estrito da palavra (tradução nossa).

Percebe-se que a motivação dos orônimos considera, além da relação homem-língua-ambiente, aspectos sociais, históricos, linguísticos e culturais que impulsionaram a escolha lexical, como em *Morro da Ferrugem*, *Morro do Fogo*, *Morro da Foice* e *Serra do Penitente*. Nesse sentido, Castro & Facco Piovesan (2021) enfatizam que estudar o léxico de uma língua contribui para recuperar aspectos linguísticos, culturais e identitários de uma comunidade e para conhecer as concepções de vida desse grupo. A toponímia é, portanto, uma forma de expressão linguístico-social e histórico-cultural de um grupo da região em que o orônimo está localizado.

A respeito do caráter icônico na toponímia, é notória a construção de uma imagem visual a partir do nome que representa o lugar. Segundo Dick (1994^a, p. 874) “a relação dialética nome/lugar desencadeia no usuário um processo de construção de uma imagem visual que reproduz o que os símbolos icônicos do aglomerado (...) denotam”. É partindo dessa perspectiva que ressaltamos a iconicidade de nomes como *Morro do Garrafão* e *Morro do Chapéu*, lugares que refletem em seu aspecto físico a mesma forma daquilo que motivou a atribuição de um nome, um termo fonte. Diante disso, verificamos que a nomeação de um acidente físico é conceitualmente motivada, envolvendo diversos aspectos associativos e de inter-relação que dizem respeito tanto à vida do nomeador, quanto ao lugar de seu referente, além das interações entre esse indivíduo e o ambiente.

Em síntese, pode-se afirmar que há uma certa unidade de perspectiva entre Toponímia, Ecolinguística e Iconicidade aplicável ao estudo oronímico. A análise dos dados permitiu evidenciar a íntima relação entre esses campos de estudos, pois os nomes dos lugares refletem o meio ambiente físico e sociocultural, demonstrando como a língua se adapta ao território e como os fenômenos naturais e culturais são incorporados ao léxico toponímico. Na perspectiva ecolinguística, a nomeação dos lugares revela não apenas uma relação de contiguidade com elementos da flora, fauna e cultura material, mas também a presença marcante de associações metafóricas e metonímicas.

5 Considerações Finais

Os nomes analisados mostram que a iconicidade desempenha um papel fundamental na formação dos orônimos, ao estabelecer uma relação de semelhança entre a forma física dos acidentes geográficos e objetos ou seres conhecidos pelos habitantes locais. Essa iconicidade, muitas vezes expressa por meio de metáforas visuais, reforça a conexão cognitiva e ecossistêmica

ECO-REBEL

entre o espaço geográfico e a percepção humana. Sobre os processos icônicos, no que diz respeito à nomeação dos elementos orográficos, o destaque é dado aos processos metafóricos e metonímicos, influências capazes de evidenciar a forma, a imagem, a fauna, a flora entre outros fatores que são rememorados por meio do nome.

Além disso, a não arbitrariedade dos nomes indica que o ato de nomeação é motivado por fatores ambientais, históricos e culturais, evidenciando a importância da linguagem toponímica como um registro das interações entre o ser humano e seu ambiente. Dessa forma, a Toponímia se configura como um campo privilegiado para estudos ecolinguísticos, ao demonstrar como os seres humanos, por meio da linguagem, constroem e perpetuam significados associados ao território em que habitam.

Por fim, este trabalho evidenciou ainda como a Toponímia, ao dialogar com a Ecolinguística e a Linguística Cognitiva, reflete a interação complexa entre o ser humano e o ambiente em que vive. A análise dos orônimos demonstrou que os nomes de lugares não são designados de forma arbitrária, mas surgem de um processo conceptual influenciado por fatores sensoriais, culturais, históricos e geográficos.

Referências

- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. In: *Filologia e língua portuguesa*. S. Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, n° 2, 1998, p.105.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BRÉAL, M. *Ensaio de semântica: Ciências das significações*. Campinas: Editora RG, 2008.
- CASTRO, M. C. D. de. *Maranhão: sua toponímia, sua história*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2012, 474 p.
- CASTRO, M. C. D. de; FACCO PIOVESAN, M. H. Representaciones de la identidad, la memoria y la historia: topónimos de los espacios públicos de Balsas: Maranhão-TRAD. *Onomástica desde América Latina*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 176–199, 2021.
- CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga*, v.16, p. 77-97, n.24, jan./jun. 2009.
- COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Thesaurus: Brasília, 2007.

ECO-REBEL

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e Antrotoponímia no Brasil*. Coletânea de textos. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1992.

FRAGO GRACIA, J. A. Toponímia navarroaragonesa del Ebro (IV): *Orónimos*. *Archivo de Filología Aragonesa* 30/31: 23–62. Institución Fernando el Católico. Zaragoza, 1982.

GUIRAUD, P. *A semântica*. São Paulo: Difusão Editorial, 1986.

LAKOFF, G. *Don't think of an elephant*. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2004.

LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MENDES, G. M. Guia Topo-oronímico para a mesorregião sul maranhense. *Produto técnico-tecnológico*, PPGLe – Uemasul. Imperatriz: Uemasul, 2022.

MENDES, G. M.; CASTRO, M. C. D. de. Análise morfológica e motivação dos orônimos de Tasso Fragoso-MA. *Signótica*, v. 34, 2022.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SAPIR, E. Língua e ambiente. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SANTOS, M. M. dos. Toponímia e interdisciplinaridade: uma proposta de estudo do léxico para turmas do 6º ano do ensino fundamental. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Acre, 2019.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Paris: Payot, 1916.

Aceito em 15 de julho de 2025.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 11, N. 2, 2025.